

O YTORORO.

JORNAL

SCIENTIFICO, POLITICO, LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I. SANTOS—QUINTA-FEIRA 15 DE DEZEMBRO DE 1859. N. 8.

APONTAMENTOS HISTORICO-COSMICOS.

1.ª SERIE.

III

Fundando Platão o seu systema nas apparencias physicas, d'accordo com as crencas religiosas da epocha, transmittidas com os mythos de seculo em seculo, Aristoteles, seu discipulo, tambem de desenvolvê-lo, e com o seu prestigio o fez consolidar. Simplicio, commentador d'este philosopho, declara que, admittindo elle os céos solidos, adheria ás opiniões que o haviam precedido, por ser repugnante que podesse um Astro subsistir, sem apoio, suspenso no espaço.

« No interior do mundo, diz este philosopho, ha um centro permanente » immovel, que a sorte deu á terra, e no exterior uma superficie, que termina o mesmo mundo por todas as partes, e em todos os sentidos. Chama-se Ceo a região mais elevada do mundo, a qual é cheia de corpos divinos, que os homens denominam Astros: e move-se desde a eternidade » conduzindo em sua revolução estes corpos immortaes, que todos seguem » em cadencia a mesma marcha, sem interrupção e sem fim.»

A esphera celeste ficou por tanto definitivamente composta por Aristoteles de 8 céos solidos, sendo o 8.º o mais elevado — *de movimento uniforme, sem que jamais fosse perturbado por oscillação alguma.* — Os sete restantes erão adaptados, como Platão havia ja disposto para os 5 planetas, e igualmente o sol, e a lua, sendo estes nos ultimos inferiores.

Aristoteles viveu até o anno 322 antes da era christã, e as opiniões que deixava continuáram.

Euclides, sustentando 300 annos depois os mesmos principios, tomava as estrellas como engastes embutidos na esphera solida, tendo no centro o olho do observador, e fazendo sua revolução em uma só peça inteiramente, sem que alterasse em momento algum da vida a forma nem a dimensão das constellações.

Mas não se apegues à marcia
Da lyra meiga e doce;
Quando seus cantos saírem,
E Deus os te inspirar!

E quando o vale a innocencia
Vem seus cantos consagrar,
Esses cantos... sobem, vão...
Como os perfumes no altar!

O Deus que rege os imperios,
E soube o mundo crear,
Que fez o sol, as estrellas,
A lua, os campos, e o mar,

Que deu vida á natureza,
Que tudo faz renovar,
Que o mundo do caos tirando,
Ao caos o pôde tornar,

E esse o Deus, oh! menina,
Que hoje me vem inspirar,
Para na lyra, contente
Teu natalicio louvar!

Menina, crê nesse Deus.
Sabe-o sempre e sempre amar!
Sabe fugir ao peccado,
Sabe a teus pais respeitar.

Não creias nas vis lisonjas,
Nessas mentiras sem par.
Nessas astucias do mundo
Creadas para enganar!

Procura sempre, menina,
Por boa estrada trilhar;
A estrada da sã virtude
Que promove o bem estar.

Mais vale ser flôr no prado
Qu'em aureas salas brilhar,
Se mãos lascivas e impuras
Hão de o seu viço murchar.

Como a flôr, es teua e para,
Deixa-te pois só guiar
Pelos conselhos paternos,
Que te não hão de enganar.

São estes os meus desejos,
Que ha de o céo realizar;
E este — o presente d'alma
Que eu hoje te posso dar.

S. AZEVEDO.

Charadas logogrifadas.

1.^a

Optima caça, — 1.^a e 2.^a
N'esta escondida; — 3.^a e 2.^a
Aqui a ira
Não tem guarida.

2.^a

Natural remanso
Que os baixéis abriga; — 1.^a e 2.^a
Si é forte, si é rijo
O gladio que o diga. — 2.^a e 3.^a
Até entre os anjos
E' prova de liga.

3.^a

Nasce do tronco; — 1.^a e 2.^a
Molestia horrivel; — 1.^a e 3.^a
Função jocosa,
Dito risivel.

S. G.

A decifração do logogrifho publicado no n.º 6 é — *azote*.

ERRATA.

No numero 6, pag. 2, l. 15,
em vez de — Anaxageras — lêa-se —
Anaxagoras.

No mesmo numero, mesma pag., l.
23, em vez de — Phitarcho — lêa-se
— Plutarcho.

Idem, pag. 6, l. 29, em vez de —
570 annos da passagem do Regenera-
dor — lêa-se — 570 annos antes da
passagem do Regenerador.

Santos.—Typ. de Marques & Irmão.

lho de Daguerre um ar de delicadeza e de sympathica altivez que attrahia fortemente a attenção do observador. Qualquer, ainda mesmo sem ser Lavater, nem per-tencer ao numero dos mais versados nos mysterios da sciencia physionomica, advi-nharia de prompto na accentuação notavel d'esses traços, na firmeza disfarçada das linhas, na expressão geral, em fim, de franqueza e energia, rectidão e generosidade que respiravam taes feições, um caracter superior e raro, uma alma não vulgar e ri-camente dotada pela natureza. Singelamente vestido, o mancebo que se fizera retra-tar guardava uma attitude serena, mas elegante. Vestia calça e collete branco; uma estreita e ligeira gravata preta ornava-lhe o pescoco, e uma sobrecasaca, da mesma cor, perfeitamente talhada, fazia sobresahir as suas formas notaveis pela sua robustez gracio-sa. Sentado, tinha os braços cruzados sobre o peito, a perna direita cruzada sobre a es-querda, e o olhar fido e calmo. Longe de se lhe notar no todo, na postura adoptada, na expressão da physionomia, a affectação ou apparencia contrafeita, mais de uma vez ridicula, que se observa na maxima parte dos retratos, tudo n'essa estampa era espontaneo, desaffectedado, natural, mas bello, elegante, attractivo.

Restitui a caixinha a pobre mulher. Conhecia o original do retrato como se o tivesse visto e com elle tratado. As primeiras impressões e o exame consciencioso e paciente de um retrato fiel nunca enganão.

—Continue, disse-lhe, voltando ao meu tosco assento. A sua historia cada vez me interessa mais.

A minha hospede fechou a caixinha com cuidado, tornou a envolvê-la no papel, e depositando-a ao seu lado sobre o estrado, proseguio na narração com a sua voz pausada e grave.

(Continua)

POESIAS.

Que te hei de dar?

Ao 7.º anniversario natalicio da jo-
ven Rita M. de Souza.

« Dans l'aurore de la vie
« Les jeux font tous nos plaisirs,
« A' cette heureuse folie
« Succèdent d'autres desirs. »

Neste dia de teus annos,
Menina, que te hei de dar,
Que possa atravez dos tempos
Teu natalicio lembrar?

Se não tenho aureos thesouros
Para um presente offerar,
Se rosas, nem lyrios tenho
Para essa fronte te ornar?

Se nada tenho que possa
Os teus sorrisos brindar,
Neste dia de teus annos
Menina, que te hei de dar?

Que te hei de dar? — já me lembro;
Vou-te em fim galardoar;
Porque tenho com que possa
Meu prazer manifestar!...

Tenho, sim, bella menina,
Eu tenho assás que te dar;
Tenho uma lyra, e o desejo,
Para teus annos cantar.

De que nos servem thesouros
Se os póde o tempo tragar?
De que nos servem as flores
Se podem tambem murchar?

« Meravilhoso, então, em outro lugar da cidade, e outras e bem diversas eram a nossa situação e a nossa sorte. O senhor sabe onde é a rua da Boa Vista, não? rua que não é, como a da frente, a vivenda da miséria, mas o bairro onde se asylo e habitação indistincta entre a mediana honesta e a modesta pobreza, onde se não respira, como aqui, o ar dos casahibres da mendicidade e da prostituição, mas onde a atmosfera é pura e leveada de costume pelas frescas brizas da varzea, que se desenrola, como um tapetoso e envidiador panorama, em face dos fundos e aos pes das casas de amada almas d'essa rua. O senhor sem duvida conhece esse bairro, um dos mais amáveis da cidade pelo feliz predicamento de, demorando quasi no centro da cidade, e um quarteirão por excellencia quieto e sosegado e como que isolado a um canto. A vida corre placida e tranquillã, como as aguas serenas e transparentes de um lago, e os grandes ruidos e movimentos da Paulicêa, quando os hã ou se os hã chegam alli amortecidos e tarde, quaes echos perdidos e adelgados pela distancia. Não sei se é por isso que os estudantes, essa mocidade artista pela fantasia e pelo coraçao, o preferem a muitos outros, ou se é por causa do Tamanduatehy, que corre em baixo e onde elles costumão banhar-se aos bandos e passear em ligeiras canoas, ou pela proximidade da bella e verde planície, onde vão espaiarecer e divagar todas as tardes, tão poeticas e lindas no nosso torrão abençoado e ainda mais lindas e poeticas contempladas e fruidas n'esse sitio.

« N'esse bairro pois, na quadra ou porção de rua comprehendida entre a ladeira do Porto Geral e o largo de S. Bento, morava eu ha dous annos com minha filha n'uma casinha de duas janellas de rotulas e uma porta.

« Ambas cheias de saude e fortes, viviamos ali contentes e felizes, já do fructo do nosso trabalho manual que consistia em engommados para estudantes e costuras finas que nos fornecia a freguezia de algumas alfaiatarias, já dos lucros, que comnosco repartia o meu filho Antonio, negociante de bestas, resultantes de suas especulações. Sim, senhor, eu tinha n'esse tempo um filho... que nos fazia companhia algumas vezes e sempre nos ajudava... um filho extremoso e irmão amante, trabalhador, activo, intelligente, honrado... como um verdadeiro Paulista que era... um filho... homem de bem na extensão da palavra... que prezava a honra de sua familia mais do que a propria vida.

« Liberal como um principe, genio expansivo e franco, tempera de aço e caracter decidido, o meu Antonio tinha um coração de rei, e não desmentia nas suas cavalheirescas accões a nobreza do sangue que lhe gyrava nas veias e a elevação de sentimentos que distinguira os seus antepassados. Descendentes em linha recta de Amador Bueno da Ribeira, esse Paulista, como o senhor sabe, typo da magnanimidade e firmeza d'alma, os meus avós maternos guardarão sempre de pais a filhos intacto, d'elle zelando com um culto intimo e sacrosanto mais do que da fidalguia herdada, o legado inestimavel e tradicional de um nome puro e sem mancha, e era divisa da minha familia, divisa gravada no escudo invulneravel do proprio peito de cada um dos seus membros antes do que nos mentirosos brazões da sua nobiliarchia, a seguinte valente phrase — A honra dos Buenos resiste até á morte, mas não se rende. »

— Quer o senhor conhecer meu filho? perguntou-me a narradora interrompendo-se.

Acenei affirmativamente. A minha hospede precipitou-se no corredor e desapareceu durante alguns instantes. Depois, voltou; trazia na mão um objecto envolto n'um pedaço de papel amarellecido pelo tempo. Desdobrou-o, e vi apparecer a meus olhos uma caixinha quadrada fechada em duas ametades.

— Ei-lo, disse-me a pobre mulher, abrindo a caixinha e apresentando-m'a aberta; é o seu retrato, tirado ha tres annos.

Peguei na caixinha que me offerecia a pobre mulher, e, approximando-me da meza onde ardia o fumacento rolo, contemplei o pequeno retrato tirado a daguerreotypo que ella continha dentro.

Era a imagem a corpo inteiro de um mocetão que parecia roçar pelos seus 25 annos, moreno, cabellos negros e naturalmente anelados, penteados a descuido, olhos tambem negros, vivos e penetrantes, onde se reflectião a intelligencia e a resolução, nariz um tanto grande e levemente aquilino, boca discreta e cheia de delicada expressão, mento saliente e ornado de uma bella barba que enquadra nobremente um rosto commoado, mas regular nas suas proporções. Lia-se, ao primeiro lance d'olhos, n'os

REMINISCENCIAS DA VIDA ACADEMICA.

UM DRAMA VULGAR.

IV. — COMEÇO DE UMA HISTORIA. — UMA FAMILIA HONESTA.

(Continuação).

As mudas observações, que eu acabava de fazer sobre a louca, despertarão no meu espirito uma serie de questões curiosas, a que debalde eu mesmo procurava responder.

Quem eram essas duas mulheres, ou antes o que haviam ellas sido outr'ora, ellas que parecião deslocadas na miseravel e degradante situação em que se achavão?... Essa loucura da joven, que mostrava haver sido tão bella, como tinha ella sobrevivido?... Uma seducção... dissera a pobre mulher. Mas quem fôra o seductor?... onde estava?... que fim tivera?... Uma seducção produzir a loucura... em S. Paulo... a cidade das prostituições?... Não era então essa gente... da classe infima do povo?... Quem era pois?... o que havia sido?... o que lhe succedêra no passado?..

Estas e outras perguntas, que eu me dirigia mentalmente e a que me sentia impossibilitado de satisfazer de um modo plausivel no meio de mil conjecturas, aguçavão fortemente a minha curiosidade. Eu ardia de impaciencia por ver a pobre mulher narrar-me a sua historia.

A boa mãe estava ao lado da sua malfadada filha. Esta, que acabava de devorar segundo pão, cahira n'um estado de estúpida apathia. Encolhida e acocorada sobre si junto a parede, lançára os braços sobre os joelhos, e descansava o queixo sobre um dos antebraços. Seu olhar parado e despido de intelligencia, a immobildade livida de seu rosto descarnado, a sua attitude extravagante, e o seu profundo silencio, contrastando com os movimentos agitados e a expressão selvatica de ha pouco da sua physionomia, formavão, á luz embaçada e vacillante do rolo, um espectáculo ainda mais assustador e digno de lastima.

—A sua filha socegou, mulher, disse eu á minha hospede, sendo outra vez o primeiro a romper o silencio que me causava calafrios. Póde agora contar-me como é que chegou a este estado?... o que tornou a sua filha... douda?

—Sim, senhor, vou satisfazer o seu desejo, já que o senhor teve a misericordia de socorrer-me com tamanha generosidade, e animou-se a vir até este miseravel casebre.

E dizendo isto, a pobre mulher sentou-se no estrado por debaixo da janella e preparou-se para relatar-me a historia que se segue.

Neste momento pareceu-me ouvir reboar ao longe o tangido lento e enfraquecido das nove horas.

«(1) São passados dous annos, começou a pobre mulher com o accentto descansado e particular dos filhos do interior da provincia de S. Paulo e no tom commovido e solemne que costuma assumir todo o narrador que conta a propria ou alheia historia e aventuras, quando assignaladas por um obstinado infortunio, que eu e minha filha eramos bem felizes.

(1) Cumpre-me aqui advertir o leitor, prevenindo uma objecção contra a inverosimilhança d'esta minha muito humilde historia, de que a narração, com que me entreteve a pobre mulher na noite de que trato, não foi feita por ella, no seu contexto, tal qual a vou dar neste momento, isto é, na mesma linguagem e minuciosos detalhes.

O fim da historia em geral e todos os episodios, são d'ella: o estylo em que ora é escripta, certas descrições, reflexões, etc. pertencem á penna do romancista.

Odoardo amava-a e toda a vida. Ah! as dores de Lia recrudesceram. Ella percorreu como uma mênada os aposentos e o jardim: cada quarto, cada arvoredor, cada alameda encerrava para ella uma lembrança, deliciosa tres dias antes, hoje mortal! Por toda a parte Odoardo havia-lhe dito que a amava. Cada objecto recordava-lhe uma palavra de amor.

Lia sentio que tudo estava acabado para ella, e que ser-lhe-lia impossivel viver assim; ao mesmo tempo, porém, acreditou que, não poderia morrer deixando Odoardo no mundo, que outra mulher habitava. Neste momento occorreu-lhe uma idea terrivel: matar Odoardo e matar-se depois. Quando esta idea apresentou-se-lhe a imaginação, ella que-a que soltou um grito de horror; mas pouco a pouco obrigou seu espirito a voltar a este pensamento, como um cavalleiro possante obriga seu cavallo rebelde a transpor o obstaculo que antes havia-o embravecido.

Dentro em pouco este pensamento, longe de inspirar-lhe terror, causou-lhe sombria alegria; atigurava-se-lhe ver-se a si mesma com o punhal na mão, despertando Odoardo, bradando-lhe ao ouvido o nome de sua rival entre duas feridas mortaes, ferindo-se por sua vez, morrendo ao seu lado e condemnando-o aos seus abraços eternos. E Lia se espantava de que uma dôr tão pungente pudesse produzir tamanha alegria.

Dirigiu-se ao gabinete de Odoardo. Alli existião trophéus d'armas de todos os paizes, de todas as espécies, desde o criz hervado do Malaio até a acha gothica do cavalleiro franco. Lia desprendeu um bello cangiar turco, de bainha de veludo, e cabo esmaltado de topázios, perolas e diamantes. Levou-o para o seu quarto, experimentou-lhe a ponta no dedo, d'onde brotou uma gotta de sangue limpido e brilhante como um rubi, e depois foi occultal-o debaixo do travesseiro.

Nesse momento chegou-lhe aos ouvidos o relinchar do cavallo de Odoardo. A condessa que se achava defronte de um espelho vio que se tornava pallida como um cadaver. Poz-se então a rir da sua fraqueza, mas o estridor do seu proprio riso assustou-a, e ella calou-se estremecendo.

Ouvindo os passos do marido que subia a escada, a condessa correu ás cortinas das janellas, e deixou-as cahir afim de augmentar a escuridão e dest'arte occultar ao conde a alteração de suas feições.

O conde abriu a porta e ainda offuscado pela claridade do dia, chamou Lia com a mais doce e terna voz. Lia sorriu-se desdenhosamente e, levantando-se da cadeira em que se achava sentada, deu alguns passos para elle.

Odoardo abraçou-a com a effusão do homem venturoso que sente a necessidade de derramar a felicidade sobre tudo que o rodeia. Lia acreditou que seu marido se aviltava a ponto de fingir para com ella um amor que ja se havia extinguido. Momentos antes ella pensava aborrecel-o; agora pareceo-lhe que o desprezava.

O dia passou-se assim; veio a noite. Repetidas vezes Odoardo fitando sua mulher, que se esforçava por sorrir sob seu olhar, abriu a boca para revelar-lhe um segredo, mas de cada vez as palavras morrião-lhe nos labios e o segredo voltava ao coração.

Durante a tarde, os ameaços do Vesuvio tornáram-se mais assustadores do que nunca. Odoardo por varias vezes propoz á sua mulher de deixarem a «villa» e partirem para o seu palacio de Napoles; Lia porém julgava que Odoardo fazia-lhe esta proposição para approximar-se de sua rival, visto como o palacio do conde estava situado na rua de Toledo a cem passos apenas da rua San-Giacomo. Assim, á cada uma das proposições do conde, ella lhe observava que o lado do Vesuvio onde se erguia a «villa» fôra sempre respeitada pelo volcão. Odoardo conveio n'isso; mas não obstante decidiu que, se no dia seguinte continuassem os symptomas que apresentava a montanha, deixaria a «villa» para irem esperar em Napoles o fim do successo.

Lia consentio. Restava-lhe a noite para a vingança, era quanto lhe bastava.

Por um estranho phenomeno atmospherico, ao passo que a escuridão descia do céu, o calor augmentava. Debalde as janellas da «villa» estavam abertas, segundo o costume, para deixar penetrar a aragem da noite; a brisa quotidiana falhára, e em seu lugar, o mar em ebullição expellia um vapor pesado e tepido, quasi sensivel á vista e que se espalhava como um nevoeiro, pela superficie da terra.

(Continua.)

ten estandarte e a civilização, que as tuas palavras são cantos de amor e de reconhecimento que nunciam nobremente a vitória do homem ao poder incomensuravel do Poeta das constellações. Tu que tanto te adoro, e que balbucio estas palavras, deixo com a predilecção de teu prestigio, o fulgor de teus triumphos me offusca as vistas, e me perturba o pensamento! A transcendencia de tua sublimidade é só igualada pelo teu nobre e heroico desinteresse; teus filhos mais mimosos e predilectos, os Homeros, os Tassos, os Dantes, os Camões, forão os bons Genios da terra, no entanto a miséria foi sua partilha neste mundo que vio sem lagrimas o Crucificado de Jerualem! mas seus nomes, dizem os materialistas, são adorados pela posteridade attenta; pobre gloria, se não houvesse a eternidade! Recebe, pois, graciosa divindade, o culto que prometteo, e quando soar o momento de meu tormento, não me abandones, porque contigo serei feliz.

(Continua.)

A VILLA GIORDANO.

POR

ALEXANDRE DUMAS.

(Continuação.)

Quando ella recobrou os sentidos, achou-se em outro quarto. As duas velhas horriavão-lhe agua no rosto e fazião-lhe cheirar vinagre.

Lia levantou-se com um movimento rapido como o pensamento e quiz arremessar-se para a porta do aposento que encerrava Odoardo e a mulher desconhecida, mas as duas velhas recordarão-lhe o juramento. Lia curvou a cabeça diante de uma promessa sagrada, tirou da algibeira uma bolsa contendo cincoenta luizes e deo-a á cigana; era o preço da propheta feita por ella, e que tão pontual e cruelmente se havia cumprido.

A condessa desceu a escada, voltou á carruagem, ordenou machinalmente que a conduzissem ao convento de Santa Maria das Graças e tornou a entrar em casa de sua tia.

Lia estava tão pallida que a boa abbadessa percebeo logo que acabava de acontecer-lhe alguma cousa; mas a toda as perguntas de sua tia, Lia respondeu que ella se sentia incommodada e que essa resto de pallidez provinha de um desmaio que soffrera.

A extremosa abbadessa inquietou-se tanto mais quanto sua sobrinha, contando-lhe o accidente que lhe acontecera, occultára-lhe a causa. Fez pois toda a diligencia para que a condessa fosse ao convento até que se restabelecesse de todo; a emoção, porém, que Lia experimentara não era daquellas que passam em poucas horas. A ferida era profunda, dolorosa e envenenada. Lia sorrio-se amargamente ao ouvir os receios de sua tia, e, sem ao menos occupar-se em combatel-os, declarou que queria voltar á sua casa.

A abbadessa mostrou-lhe o cume da montanha coberto de fumo e observou-lhe que estando proxima e sendo inevitavel uma erupção, seria mais razoavel que ella mandasse chamar seu marido e que andassem em um lugar seguro, esperassem os resultados d'essa erupção. Lia porém, respondeu-lhe apontando para a encosta verdejante da montanha, sobre a qual, de lo que o desastre existia, nunca o mais pequeno regato de lava se havia transviado.

A abbadessa vendo então que a sua resolução era inabalavel, despedio-se d'ella recommendando-a a Deus.

A condessa subio á carruagem. Pouco minutos depois achava-se na villa Giordani.

circunstâncias, e a sua natureza, e quanto ao fundo. Os primeiros poetas cantavam os versos que compunham a sua prática David, Salomão, Homero.

Os Gregos, sempre orgulhosos da glória de sua nação quanto à cultura das sciencias e artes, attribuem o nascimento da poesia a Orpheo, Linus e Musso. E' certo talvez que fossem effectivamente estes os primeiros bardos celebres da Grecia, mas não há menor duvida que a poesia existia muito tempo antes que seus nomes fossem conhecidos, e mesmo entre povos que inteiramente os ignoravam. Seria um grande erro suppormos que a poesia e a musica, consideradas como artes, foram somente cultivadas pelas nações civilisadas; ellas tem seu principio na natureza do homem, são portanto de todos os tempos e de todos os paizes; são factos que nos attesta a historia de todas as nações.

Nas primeiras cidades da Grecia, os padres, os philosophos e os legisladores applicavam a orar suas instrucções com a linguagem da poesia. Appollo, Orpheo, Amphion, seus bardos mais antigos, são representados como os fundadores da civilisação e das leis, e passam por terem sido os primeiros que arrancaram o homem de seu estado barbaro. Homero e Hesiodo cantavam sobre a lyra as leis que compunham, e parece que até ao século que precedeu o de Herodoto, a historia não tinha outra forma senão a da poesia poetica. Quasi todos os reis dos Seythas e dos Godos eram poetas, e as pessoas tunicas eram os materiaes de que se serviam os historiadores mais antigos.

Nós sabemos que admiração os Celtas, os Gaulezes, os Bretões e os Irlandezes consagravam a seus bardos, e que influencia elles exercião sobre o povo. Eram igualmente poetas e musicos, como o foram os primeiros poetas em todos os paizes; suas pessoas eram sagradas, acompanhavam o chefe ou soberano; celebravam suas grandes acções; e como embaixadores, conciliavam as tribus prestes a pegarem em armas.

Embora a origem da poesia seja a mesma em todos os paizes, todavia a differença do clima e dos costumes diversifica o caracter dos primeiros ensaios poeticos das nações. Esse caracter é conforme á sua indole; se são ferozes ou humanas, se fazem mais ou menos progressos nas artes, se marcham mais ou menos rapidas na via da civilisação, a sua poesia o revela; assim o que nos resta das poesias dos antigos Godos, faz um cenho notavel de ferocidade, e não respira senão a carnagem e o sangue, enquanto que as primeiras canções dos Chinezes e Peruvianos tratam de assumptos agradaveis.

A poesia celtica do tempo de Ossian, ainda que eminentemente guerreira, tem contudo sua mistura de doçura e de doçura, por isso que os bardos celtas aperfeiçoavam a poesia da idade em idade.

A poesia dos egypcios tem o principio philosophico, visto como Orpheo, Linus e Museo cantavam o chão e a criação, a formação dos mundos, a origem das cousas.

Os Persas e os Arabes foram os maiores poetas do Oriente; entre elles como nas outras nações, a poesia foi o principal vehiculo da instrucção e da sciencia. Os Arabes comparavam os seus diversos generos de suas poesias a perolas soltas ou enfiadas. Os dogmas dos Persas sobre a moral eram quasi todos em proverbios ou apophthegmas, semelhantes aos de Salomão, que em sua maior parte eram compostos de phrases poeticas semelhantes como as perolas dos arabes. Vemos o mesmo genero de composições no Livro de Job.

A poesia que se chama pŕoxima grega — *poësis* — quer dizer criação; divide-se em oito partes ou generos — poesia lyrica, dramatica, epica, didactica, elegiaca, pastoril e satyrica, e consiste quanto á composição da rhythmica, na qual se observa a medida quanto á cadencia e numero das syllabas, como a poesia dos Orientaes e da maior parte dos povos modernos da Europa; e da metrica ou da poesia da quantidade das syllabas, na qual o numero destas depende da duração que exige a pronunciação delle. Tal é a poesia dos Gregos, dos Latinos e dos Allemães.

Depois de ter feito um apello ao gosto da tua brilhante historia, outorga-me permissão, sublime arte de teus, de te prestar o culto intimo de uma alma apaixonada e fervorosa que te tributa de amor por teus encantos. Os beneficios que foste a Gama de teus, de teus primeiros passos infantis dos senhores do mundo; o

cuido ouvir e ver voar os anjos de ouro e as borboletas matizadas, e as aves do paraíso, mais raras e ainda mais deslumbrantes, que mal podem seguir com os olhos nas suas delirantes evoluções.

É este realmente o meu bello Brasil, robusto como ha trinta annos, trajando galas como ha dois seculos, joven e possante, como no dia da sua criação.

As aguas se calão, a praia e a muda, a cidade guarla silencio; pois bem! tudo isto é harmonia, tudo isto é uma musica doce e alegre a um tempo, que vos embala e seduz. Tudo isto é o meu Brasil do peito, o meu Brasil estremeado, sem embargo dos dois implacaveis visitantes que acabão de cobri-lo de luto, como para puni-lo da sua nimia opulencia.

O dia aponta: reconhece-se o enthusiasmo d'aquelles entre os nossos, que não tinham ainda visto esta esplendida barra. O canhão saúda o Imperador em rapidas bandeirolas, os vasos da bahia retribuem-lhe as suas ruidosas cortezias; e, livres de toda a quarentena, permitem-nos que desembarquemos... a caminho.

(Continua)

A POESIA.

(Continuação do artigo intitulado —O HOMEM.)

La poésie n'est que l'éloquence dans toute sa force et avec tous ses charmes. Voyez dans l'Iliade, la harangue de Priam aux pieds d'Achille; dans l'Énéide, celle de Sinon; dans Ovide, celle d'Ajax et d'Ulysse; dans Milton, celle de Satan; dans Corneille, les scènes d'Auguste et de Cinna; dans Racine, les discours de Burrhus et de Narcisse au jeune Néron; dans la Henriade, la harangue de Potier aux Français, etc. C'est tour à tour le langage de Démosthène, de Cicéron, de Massillon, de Bossuet, à quelques hardiesses près, que la poésie autorise, et que l'éloquence elle-même se permet quelquefois.

MARMONTEL, ÉLÉMENTS DE LITTÉRATURE, T. II.

Conhecida antigamente como a linguagem dos Deoses, a poesia é a inspiração, a hyperbole, a prosopopeia das grandes expressões d'alma.

A poesia tem uma existencia anterior á da prosa; dir-se-ha ser isso um paradoxo, mas no emtanto é uma asserção fundada. A descoberta da America nos ensinou a conhecer o homem no estado selvagem. Os viajantes affirmão que em suas reuniões, os povos deste vasto continente levavão ao enthusiasmo seu amor pela musica e pela dança; que era por meio de canções que elles celebravão seus ritos religiosos, que deploravão suas calamidades publicas, seus infortúnios particulares, a perda de seus guerreiros; que contavão suas victorias; exaltavão as façanhas da nação e dos heróes; jexentavão a origem, e sustentavão sua constancia no meio das torturas e da morte.

Achamos, pois, os primeiros rudimentos da poesia nas grosseiras effusões da imaginação entusiasta dos povos primitivos, visto como a natureza fez o homem poeta e musico; assim a poesia e a musica tem uma origem commum, as mesmas

forão os annos nem as enfermidades do corpo; forão, sim, as desillusões, as villezas, as hypocrisias, as baivezas, por demais vivas e raladorss, que não nos poupão, por isso as dominadoras do mundo.

A ausencia, parece-me já o haver dito, semelha á morte, e entretanto, inconstantes quaes sonhos, corremos incessantemente após emoções novas, como se a família, o lar, a patria não tivessem prestigios bastantes para alegrarem uma vida sedentaria.

O, que chamamos, não sei porque, natureza morta, tem em verdade outros privilegios. Vede: saudastes com avido olhar um céu diaphano, florestas magestosas, uma vegetação rica, opulenta, provocadora das iras dos elementos; muitos annos tem decorrido sobre vossas lembranças, vossa fronte se tem despovoado ao perpassar dos invernos, e quando voltaes ao paiz querido, quando tudo mudou em torno de vós, elle só ha permanecido joven e forte, elle só conserva a sua seiva e a sua virilidade.

Os coqueiros baloução sempre nos ares os seus pennachos ondulantes, as bananaeiras se arreião sempre de seus cachos saborosos, o morango exhala sempre os seus perfumes, a laranja ostenta sempre o seu avelludado, o ananaz eleva sempre a sua corôa, as borboletas multicôres não puzerão termo ás suas caprichosas evoluções, as aguas nada perderão da sua limpidez, os bosques do seu melodioso silencio, as cascatas do seu poetico fragor, e os seculos se escoarão ainda sobre tantos beneficios, sem que esses beneficios se enfraqueção, sem que tragão ás saudades da mocidade perdida a velhice que caminha a passo precipitado.

Em balde magoareis o proprio peito e irritar-vos-heis contra o que foi; o que foi é e será, Deos o quiz, e Deos não modifica o seu pensamento.

Não acrediteis na felicidade e nos dissabores, se desejais viver sem commoções e sem cuidados. Oh! madreporas, quanto vos invejo a sorte!

Pela terceira vez —salve, Brasil!. A vigia grita: *Terra!* e eis que todas as minhas antigas lembranças revivem, eis que esta unica palavra me remoea triuta annos.

Se a memoria é quasi sempre um dom fatal, é por vezes tambem uma consolação, e n'este momento ao menos eu me regozijava que a minha reflectisse o passado com todas as suas maravilhas.

Em pé, com a cabeça acima da pavezada, o pescoço estendido, como se o céu me houvesse restituído os seus raios, eu via surgir das aguas, como um habil mergulhador, esse gigante deitado, tão pittoresco, tão propiciamente talha-lo para a segurança dos navegantes,

Sim, sim, eis aqui a sua cabeça *bourbonnica*, as suas espadoas, as suas curvas, e o seu pé que vos indicão a entrada da barra.

Passemos depressa, a briza é galerna e embora nos tenham annunciado em viagem um flagello devorador, deixemos atrás de nós as fortalezas da *Lage* e de *Villegagnon*, perto da qual larguemos a ancora.

Respiro a gosto, tendo á direita e á esquerda *Nossa Senhora da Boa Viagem* e a *Gloria*, as duas padroeiras dos marujos, e mais longe a ilha das *Cobras*, a dos *Ratos*, *Botafago*, *S. Domingos*, o *Corcovado*, e a *Praia Grande*. Nada falta, nem o aqueducto com a sua dupla galeria de arcadas, nem a ilha do *Governador*, nem a serra dos *Orgãos*, que corôa este magnifico panorama. Deparo com tudo de que tanto gostára, com as brizas fagueiras, a cantiga dos pretos, o soido desigual de seus remos, o

linha d'este com os factos notaveis, e successos do —Povo escolhido— ao qual veio a capitanear e a ser seu benfador, devia para ser comprehendido na parte cosmologica, que lhe tocou indispensavel introduzir em seu tratado historico, cingir-se as ideas da epocha, que figuravão a terra no centro do Universo; alias viria a ser condemnado contradictorio com a maxima capital de — ter Deos creado o homem, concedendo-lhe tudo no mundo para seu uso.

Veio o christianismo, e do mesmo modo sempre na convicção de que o homem, unica creatura que possue o dom de discorrer, progredir e conhecer-se poder independente e livre, vem a ser o typo da soberania para com os mais entes, que tem podido descobrir, necessariamente segue o mesmo principio — Tudo para uso do homem. —

Assim pois é palpavel, que nos tempos delicias do progresso a que tem ultimamente chegado as mathematicas, a optica e a mechanica, subsidios por meio dos quaes as observações e calculos se tem elevado a tão ousado alcance, que tem tornado assombrosas as combinações physicas da natureza em sua maravilhosa organização, o systema então do Universo só podia ser o conjectural, o apparente, como simples resultado da inspecção ocular despida dos insignes instrumentos amplificativos modernos. E tal era o de Platão, como ja notámos, e que consistia em existir no centro a terra fixa circulada nas respectivas distancias de todos os mais corpos dos espaços celestes, que deste modo prestavão ao homem seu natural cortejo.

(Continua.)

O BRASIL. (1)

Tornar a ver um amigo após uma ausencia de trinta annos é ao mesmo tempo um gosto e uma dor. Se é verdade que todas as primaveras trazem seus sorrisos, tambem é certo que todos os invernos infligem as suas rugas, e um dia, ides encontrar pallido e debil o que deixastes ha tempos cheio de força e rosado.

Aos doces amplexos e apertos de mão, seguem-se as confidencias, pois todas as afeições são curiosas. Perguntais pela voz da mãe que vos embalava á noite, pela do irmão que vos acariciava ao acordardes, pela da irmã que ainda acreditaveis ouvir em sonhos, e a todas estas perguntas arrancadas d'alma respondem-vos com lagrimas ou com o silencio!...

O tumulto de tudo se apressa, o tumulto inflexivel, inexoravel, o tumulto mudo, que guarda para todo o sempre o que se lhe confia. Ide por diante, e perguntai o que matou o vosso amigo, a vossa irmã, a vossa mãe; não

(1) Os artigos que se seguem ha capitulos vertidos e transcriptos da obra em francez intitulada —«Os don Quixotes, por Jacques Arago, irmão do celebre astronomo Francisco Arago e autor da introdução. Recordações de um cego. De um a outro pólo, etc.» obra e traduzida pelo autor a S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

— 2 —
quer coisa melancolica ou desagradavel, e sim tao somente a essencia do bem, do puro, do sublime. De conjectura em conjectura firmárão-se em que esse SER que denominarão — *Zervane-Akéréne* — (*Tempo eterno*) havia creado o Universo com as duas naturezas ainda no chaos, creando igualmente os primeiros Genios para presidil-as, sendo no hemispherio da luz — *Ormuzd* — (*Principio do bem*) e no das trevas — *Ahriman* — (*Principio do mal*), aos quaes delegara o poder de crearem diversos mundos em seus respectivos elementos, hostilizando-se mutuamente como emulos por certo espaço até que, vencido a final Ahriman por Ormuzd, se purifiquem as almas pela luz, no dia do cataclysmo, desapareçam as trevas, e aquelles deus primeiros Genios voltem em harmonia ao seio de — *Akéréne*. —

Ormuzd pôz-se a crear o mundo da luz o — *Gorotman* — (*Elisios*), as espheras celestes, a Terra, a Lua, o Sol e os outros 5 planetas. Depois os 7 — *Amschaspands* — (*Genios patronos*), Symbolos dos astros, e dias da semana; os 28 *Iseds* (*Genios delegados*), incumbidos de presidirem aos elementos da terra, estações, fecundidade, propagação, etc. O divino touro — *Aboudad* — (*Emblema da vida*) encerrando os germens de todos os animaes e vegetaes, do qual extrahin lo a espadua direita, d'ella formou o — *Kaiomorts* — (*Homem primitivo*) com o que terminou a criação. No entretanto creava Ahriman nas trevas inumeras cathegorias de entes malignos e informes, horrendos genios que presidem á todos os infortunios e maldades, vicios, crimes, etc.

D'estas creações e abstracções concluia a metaphysica de Zoroastro, que terião a gloria de Ormuzd os fieis crentes da metempsychose; e serião punidos vagando errantes nos recintos das trevas d'Ahriman, os que fossem vencidos pelos genios do mal. Eis ali o — *Dualismo*. — (1)

Bem se vê que todas estas concepções constituem um mytho; e que despidendo-as da superstição extravagante que encerrão, contém o dogma dual catholico da — gloria, ou pena, eternas — dogma deduzido do outro — immortalidade da alma — e emanado da justiça indefectivel de — Deos — para com suas creaturas á quem dotou de intelligencia e volição livre para poderem discernir a virtude pelo vicio, e vice-versa, com o arbitrio de seguir uma ou outro segundo os impulsos (figurados em genios) de sua razão ou paixões.

Não levarem os mais longe a digressão, por desnecessaria á materia a que nos propuzemos: e se temos esboçado a analyse d'essas crenças é somente para demonstrar, que, ministrando a luz proveniente dos astros as premissas da metaphysica que desenvolvemos, não podia o pensamento de coordenar seus movimentos e mais relações physicas, deixar de ser subordinado áquella orthodoxia d'essas epochas remotas. Moysés, vertendo por diversa forma as theorias mythologicas Egypciacas, abstrahindo o supersticioso, e marchando pela senda que elle proprio declara ser-lhe indigitada pela DIVINDADE, foi, como os Prophetas, que se lhe seguirão, precursor do Christianismo. Não tendo porém a missão de construir um systema cosmologico, e sim a de historiar a cosmogonia desde Adão até o primeiro Patriarcha, e seguir a

(1) Aos leitores que desejarem mais minuciosidades, para enfronharem-se nos mythos ou symbolos de Thoth ou Hermès, e nos mysterios de Mithra, Osiris, Isis, e Elensinos, indicamos os autores que podem consultar, e acharão os esclarecimentos necessarios. — Burnouf, Manethon, Sanchoniaton, Clemente Alexandrino, e outros.